

## **RAÍZES: A RESISTÊNCIA NA TRADIÇÃO E MUSICALIDADE NEGRA**

Thamiris Lacerda Silva<sup>1</sup>

O documentário “Jongos, Calangos e Folias: música negra, memória e poesia” foi dirigido pelas historiadoras Hebe Mattos e Martha Abreu, produzido em 2007 e tendo apenas 45 minutos, a obra trata de formas de representação da cultura africana por meio da música e da dança. Com descendentes de povos africanos que vieram para o Brasil por meio do tráfico de escravos, o documentário nos traz narrativas orais sobre as rodas de Jongo, Calango e, também, sobre a Folia de Reis, todos estes tendo em comum a instrumentação, a dança e a dinâmica circular que, assim como uma ouroboros, não tem fim, criando um movimento contínuo.

A ouroboros citada anteriormente pode parecer um tanto quanto aleatória, apenas uma palavra utilizada sem sentido algum. No entanto, a criatura mencionada é tida como símbolo de movimento, atividade, continuidade, evolução e renovação. Tais características se encaixam perfeitamente na história da cultura africana e afro-brasileira. Um povo – aqui referido da forma que é visto, generalizado, com uma identidade una, embora não o seja – que teve que se reinventar diversas vezes para se encaixar, e resistir, em um lugar onde foi marginalizado desde a sua chegada, tendo sua cultura criticada e inúmeras vezes ressignificada por indivíduos brancos, de forma pejorativa. Ainda assim, esse povo persiste e reproduz sua identidade utilizando, por exemplo, a palavra, ritmada e cantada, isto é, a música.

O filme passa por diversas cidades, dentre elas Angra dos Reis, Valença, Búzios, Barra do Piraí, entre outras, e conta com perguntas referentes às famílias e antepassados, às cidades de origem, ao primeiro contato com os jongos, calangos e as folias de reis, ao significado que essas práticas possuíam

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Contato: [thamirislacerda@hotmail.com](mailto:thamirislacerda@hotmail.com). (<http://lattes.cnpq.br/9203814682936575>).

para eles e para aqueles que participavam. Ademais, com a participação do historiador Robert Slenes, nos traz informações sobre a chegada dos africanos no Brasil, que, a partir de 1810, vinham em grande parte de Moçambique. Assim, com certa maestria, o documentário nos insere nas experiências vividas por aquelas pessoas, exibindo filmagens de festas e das apresentações feitas por eles.

Conta com uma gama de entrevistados que relatam suas experiências com os jongos, calangos e as folias das quais participaram e participam ainda hoje. Tradições essas que transmitem as histórias de seus antepassados e, dessa forma, reafirmam a identidade negra. Trechos como “Eu sou filho de Moçambique, eu sou negro, sim senhor”<sup>2</sup> ou “Que eu sou filho de calanguista, aprendi calanguear. Cê aprendeu cantar calango no meio do carnaval (...)”<sup>3</sup> ressaltam a memória dos negros escravizados e suas lutas. Por meio da obra, é possível entender a dinâmica e as diferenças entre as rodas de jongo e calango, por exemplo. Embora ambos tenham um aspecto contínuo, baseado em desafios, onde um faz um improviso e o outro responde – nesse sentido, lembrando os atuais duelos de *freestyle* presentes no hip-hop e rap – em um é observada a presença do caxambu, uma espécie de tambor, enquanto no outro se encontra a utilização da sanfona e do pandeiro.

A historiadora Martha Abreu, que também faz parte da direção do vídeo, em seu texto “O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição” discute a forma como as canções escravas eram vistas por intelectuais do século XIX. Dentre esses intelectuais destacam-se Du Bois e Coelho Netto, que, embora convergissem suas opiniões ao reconhecerem as canções escravas como uma importante forma de expressão desses povos escravizados, divergiam em seus pensamentos a partir

---

<sup>2</sup> MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. Jongos, calangos e folias: música negra, memória e poesia. Brasil: LABHOI, 200 (4m58s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=DB\\_AHH3xXYQ](https://www.youtube.com/watch?v=DB_AHH3xXYQ)>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

<sup>3</sup> MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. Jongos, calangos e folias: música negra, memória e poesia. Brasil: LABHOI, 200 (26m58s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=DB\\_AHH3xXYQ](https://www.youtube.com/watch?v=DB_AHH3xXYQ)>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

do momento em que Coelho Netto acreditava que, com o passar do tempo, os “sons da África, com seus ‘gritos guturais’ e rudes instrumentos”<sup>4</sup> cairiam no esquecimento. Contudo, utilizando o documentário como prova, podemos ver que tal fato não aconteceu, visto que o Jongo, uma forma de expressão dos escravos nas senzalas em que viviam, ainda hoje é reproduzido pelos descendentes desses povos dominados, chegando a receber o título de patrimônio cultural do Brasil.

Em seu texto, Abreu também diz que “As canções escravas, e seu legado musical, em diferentes regiões da diáspora tornaram-se um caminho fundamental de luta contra a opressão e a dominação raciais, pela inclusão social e o exercício da cidadania no pós-abolição.”<sup>5</sup> tal argumentação pode ser vista em falas ou em letras cantadas no documentário. Por exemplo, em Manuel Moraes, do Quilombo de, ao cantar o ponto “Deram nossa liberdade, cadê os nossos direitos?”<sup>6</sup> ou na fala de Délcio Bernardo, da vila de Mambucaba pessoas ficavam falando: ah, pô, teve macumba ontem a noite toda (...)”<sup>7</sup> associando o jongo a algo ruim. Délcio que com o surgimento do Movimento Negro há um resgate da história africana, bem como da história familiar, dando motivo de orgulho por meio dessas práticas.<sup>8</sup>

Para Du Bois, a música com características africanas, nos Estados Unidos, pode ser pensada em três fases, “uma primeira etapa de música africana, e uma segunda, afro-americana, enquanto a terceira seria ‘uma

---

<sup>4</sup> ABREU, Martha. *O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição*. In: Revista Brasileira de História, v. 35, n. 69, 2015, p. 183.

<sup>5</sup> ABREU, Martha. *O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição*. In: Revista Brasileira de História, v. 35, n. 69, 2015, p. 194.

<sup>6</sup> MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. *Jongos, calangos e folias: música negra, memória e poesia*. Brasil: LABHOI, 200 (40m39s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=DB\\_AHH3xXYQ](https://www.youtube.com/watch?v=DB_AHH3xXYQ)>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

<sup>7</sup> MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. *Jongos, calangos e folias: música negra, memória e poesia*. Brasil: LABHOI, 200 (41m48s). Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=DB\\_AHH3xXYQ](https://www.youtube.com/watch?v=DB_AHH3xXYQ)>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

<sup>8</sup> MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. *Jongos, calangos e folias: música negra, memória e poesia*. Brasil: LABHOI, 200 (41m59s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=DB\\_AHH3xXYQ](https://www.youtube.com/watch?v=DB_AHH3xXYQ)>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

mistura de música negra com a música escutada na terra adotiva'."<sup>9</sup>. De certa forma, é possível aplicar essa lógica no Brasil, pois, temos as músicas e tradições de matriz africanas e, posteriormente, teremos a música popular brasileira (MPB), que adota traços da musicalidade africana. Wlamyra Albuquerque, em seu livro "Uma história do negro no Brasil" aborda o tema da cultura africana no país, ao citar, por exemplo, os maracatus tradicionais de Recife, que são denominados "nações africanas" ou quando relata em um de seus trechos que "A multidão negra tomava as ruas [em apresentações do clube negro Pândegos da África], cantando canções em língua iorubá ao som de atabaques, os mesmos tambores usados nos cultos afro-brasileiros"<sup>10</sup>.

Se por um lado a tentativa de exclusão dos costumes africanos, e do próprio negro, pela elite branca, se fazia presente, por outro lado essa mesma cultura passa a se inserir em diversas práticas e ritmos brasileiros. Albuquerque trata sobre os carnavais, sambas, religiões e capoeira, e como dito por Martha Abreu, "Os 'sons da escravidão' não parecem desaparecer, mesmo muito tempo depois do fim do cativeiro."<sup>11</sup> Mesmo que os quatro itens tratados por Albuquerque possuam uma certa musicalidade, cabe aqui ressaltar, visto que estamos tratando de um documentário sobre a música, o samba. Um ritmo que agrada diversos tipos de brasileiros, da periferia as elites, do negro ao branco, e que possui em sua raiz características da música e da cultura africana.

Hilária Batista de Almeida, mãe de santo baiana, conhecida como Tia Ciata, dá início no Rio de Janeiro a um dos principais terreiros de samba. Essa importante mulher levou da Bahia ao Rio de Janeiro o Samba de Roda. Considerado como patrimônio da cultura afro-brasileira, é composto por um grupo que toca diversos instrumentos, dentre eles o atabaque, a viola, o

---

<sup>9</sup>ABREU, Martha. *O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição*. In: Revista Brasileira de História, v. 35, n. 69, 2015, p. 187.

<sup>10</sup>ALBUQUERQUE, Wlamyra R.; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: CEAO; Brasília: Fundação Palmares, 2006, p. 232.

<sup>11</sup>ABREU, Martha. *O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição*. In: Revista Brasileira de História, v. 35, n. 69, 2015, p. 196.

pandeiro, entre outros. Marcado pela presença de diversos cantores famosos como Zeca Pagodinho, Nelson Cavaquinho, Cartola, Beth Carvalho, que cantam ou já cantaram samba de roda, esse ritmo deu margem para outros tipos de samba e até mesmo o pagode, conhecido por ser mais comercial, que fazem sucesso ainda hoje.

Com o que foi exposto neste trabalho, tiramos como conclusão que obras como o documentário “Jongos, Calangos e Folias: música negra, memória e poesia” são de extrema importância para apresentar e ressaltar a identidade dos povos de origem africana, bem como a cultura afro-brasileira, tão presente no nosso dia-a-dia em diversos aspectos, principalmente quando se trata da música. A forma como esses povos escravizados utilizaram da música como uma forma de fuga da realidade – para alguns em sentido literal, com vista nos relatos que dizem que por meio das canções escravas eram combinadas suas fugas –, além de um meio de luta e resistência, há que continuar sendo estudada e exaltada, sem que com isso seja romantizado o seu sofrimento.

### **Referências**

- ABREU, Martha. *O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição*. In: Revista Brasileira de História, v. 35, n. 69, 2015, pp. 177-204.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R.; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: CEAO; Brasília: Fundação Palmares, 2006, pp. 225-252.
- MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. *Jongos, calangos e folias: música negra, memória e poesia*. Brasil: LABHOI, 200. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=DB\\_AHH3xXYQ](https://www.youtube.com/watch?v=DB_AHH3xXYQ)>. Acesso em: 26 de set. de 2020.

Recebido em 23/04/2021 e aprovado em 18/07/2021.